

# CANDELÁRIA O RIO TE DESCOBRE

de maio a 4 de julho de 1993

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL  
Rua 1º de Março, 66 — 1º andar — Museu



Dando início ao “Projeto Candelária”, o Centro Cultural Banco do Brasil une-se à Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (Delegacia do Rio de Janeiro) e à Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária para apresentar a exposição “Candelária, o Rio te descobre”.

A partir de pesquisa desenvolvida pelo museólogo Arnaldo Machado, são abordados os aspectos históricos, arquitetônicos e artísticos da Igreja de Nossa Senhora da Candelária, através de fotografias, peças de mobiliário, pinturas, medalhas e objetos de uso religioso pertencentes aos acervos da Igreja e de particulares.



Algumas medidas da Igreja

Comprimento .....	78,00m	Altura do zimbório .....	64,26m
Largura da fachada principal .....	37,80m	Diâmetro do zimbório .....	13,30m
Largura, pelo eixo de transepto .....	43,22m	Diâmetro externo da cúpula .....	16,77m
Altura das torres .....	57,10m	Altura da nave central .....	22,17m



*instituto de arte contemporânea*

Organização: Museu e Arquivo Histórico do Centro Cultural Banco do Brasil  
ADESG — Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, Delegacia do Rio de Janeiro  
Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária

Projeto: Arnaldo Machado

Fotografias em preto e branco: Arnaldo Machado

Fotografias em cores: Lula Rodrigues  
Luiz Carlos Miguel

Ampliações fotográficas: Contrast Produções Fotográficas Ltda.  
Foto Carlos Ltda.  
Laboratório Fotográfico Wanda

Agradecimentos: J. Fernandes Penna  
Museu Histórico Nacional



**BANCO DO BRASIL**

## O PROJETO CANDELÁRIA

O Projeto surgiu como resposta da comunidade, representada pela Delegacia do Rio de Janeiro da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG) e pela Irmandade do Santíssimo Sacramento da Candelária, aos vândalos que agrediram o templo, tão querido e admirado pelos cariocas.

Decidiu-se ofertar, o mais amplamente possível, toda a beleza, cultura e tradição da Igreja da Candelária ao povo do Rio de Janeiro num esforço de cooperação com o empenho de revitalização do Centro da Cidade, de que são testemunhos o Centro Cultural Banco do Brasil, a Casa França-Brasil e a remodelação do Paço Imperial.

Busca-se, dessa forma, sensibilizar a comunidade para a preservação de nosso patrimônio histórico-cultural e para um posicionamento ativo contra a deterioração dos elementos arquitetônicos e artísticos, não apenas de um dos marcos mais caros à cidade, mas de todo o patrimônio cultural do Rio de Janeiro.

Em termos específicos, objetiva-se incorporar a Igreja de Nossa Senhora da Candelária ao espaço cultural do Centro do Rio, através de ações que visem realçar sua expressão histórica, arquitetônica, artística e religiosa.

## AAC — ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA CANDELÁRIA

Instrumento institucional para implantar o Projeto Candelária em toda a sua grandiosidade, está em vias de ser constituída a AAC que será formada pela comunidade que atua no entorno da igreja e por todos os cariocas que desejem, efetivamente, contribuir para a preservação e dinamização de um cartão-postal daquela que deverá sempre ser a Cidade Maravilhosa.

A Igreja de Nossa Senhora da Candelária, monumento de arte religiosa que se ergue na atual Praça Pio X, no centro do Rio de Janeiro, tem suas raízes nos primeiros tempos da nossa cidade.

Substituiu a antiga capela, erigida em fins do século XVI, ou princípios do século XVII, por Antônio Martins da Palma, provavelmente nascido na Ilha de Palma, e sua mulher, Leonor Gonçalves. Teriam aqui aportado, após grande tempestade marítima. A construção do pequeno templo seria o cumprimento de promessa feita, naqueles momentos de aflição, à Nossa Senhora da Candelária, padroeira da Ilha de Palma, de quem eram devotos fervorosos. Esta é a versão mais aceita.

Na pequena igreja foi fundada a Irmandade, criando-se, pela mesma época, a paróquia de Nossa Senhora da Candelária, a primeira do Rio, após a de São Sebastião, no morro do Castelo.

Praticamente em ruínas, foi a antiga igreja reedificada em 1710, porém, em 1768 já seu estado “pri-

vava o concurso dos fiéis e a celebração das funções que louvavelmente nela exerciam”, como diz o termo de resolução tomada pela Mesa Administrativa, em 3 de junho de 1775, de erguer um novo e majestoso templo. Sua pedra fundamental foi lançada em 6 de junho daquele ano, cabendo a Francisco João Roscio, notável engenheiro e cartógrafo português, a tarefa de executar o traçado da nova igreja.

A grandiosidade do projeto e dificuldades financeiras levaram as obras a se arrastarem por muitos anos. Mas, em 8 de setembro de 1811, já se sagrava o inacabado templo, sendo então celebrada a primeira missa.

Grandes nomes da engenharia e da arquitetura prosseguiram na execução do projeto inicial, me-

recendo destaque Job Justino de Alcântara, Gustavo Waehneltd, Bittencourt da Silva, Ferro Cardoso, Evaristo da Veiga, Paula Freitas e o Mestre Geral das Obras, José Francisco dos Santos.

Em 15 de dezembro de 1877, completou-se a cúpula externa, sendo colocadas, em 24 de março do ano seguinte, a esfera e a cruz de bronze. Construída também a cúpula interna, passou-se aos trabalhos de acabamento, em que brilham a pintura de João Zefirino da Costa e seus discípulos Oscar Pereira da Silva, Guilherme dos Santos, J. B. Castagneto, Sebastião Vieira Fernandes, A. R. Pinto Bandeira, Gomes de Souza e Victorino da Costa, os estuques de Bartholomeu Alves Meira e Henrique Levy e as obras de talha e de alguns móveis de Manuel Ferreira Tunes.

Inaugurado em 10 de julho de 1898, o templo recebeu, em 1901, as monumentais portas de bronze, obra do grande escultor português Teixeira Lopes. Finalmente, em 7 de junho de 1931, foram inaugurados os dois púlpitos, também de bronze, obra do escultor português Rodolfo Pinto do Couto.

Apresentando estilos diferentes, mistura de barroco e neoclássico que, no entanto, se harmonizam plenamente, a Igreja da Candelária é artisticamente rica, mas de uma imponência que não oprime. Seus labores, dignos de apreciação em cada pormenor, não distraem. Pelo contrário, todo o conjunto convida à religiosidade e à meditação, tornando-se verdadeiro refúgio espiritual, no centro nervoso da atividade econômica do Rio de Janeiro.



Cruzeiro



## GLOSSÁRIO

**ALTAR-MOR** (*arquit.*) — altar principal de uma igreja.

**ARQUITRAVE** (*arquit.*) — viga ou verga assentada diretamente no capitel de colunas ou pilastras.

**BAIXO-RELEVO** (*arquit.*) — escultura em que as figuras não sobreelevam no seu volume total, mas, apenas, em parte, o plano que lhes serve de fundo.

**BALAUSTRADA** (*arquit.*) — série de balaustrades.

**BALAÚSTRE** (*arquit.*) — pequeno pilar ou coluna que sustenta um corrimão, faixa ou travessa.

**BATISTÉRIO** (*arquit.*) — recinto na igreja onde está localizada a pia batismal.

**BULBAR** (*bot.*) — do ou relativo ao bulbo; bulboso.

**BULBO** (*bot.*) — tipo de caule subterrâneo ou aéreo, dominado por grande gema terminal suculenta, sobre um eixo encurtado basal.

**CANTARIA** (*constr.*) — pedra lavrada e esquadrada para a construção.

**CAPELA-FUNDA** (*arquit.*) — capela que, nas igrejas com a forma de cruz latina, se situa em cada um dos extremos da nave transversal ou transepto, tendo altar próprio.

**CAPELA-MOR** (*arquit.*) — parte da igreja onde está situado o altar-mor.

**CAPITEL** (*arquit.*) — parte superior da coluna, acima do fuste, onde repousa a arquivada.

**CORNIJA** (*arquit.*) — terceira parte e a mais elevada do entablamento clássico.

**CORÍNTIA** (*arquit.*) — ordem arquitetônica clássica, caracterizada pelo capitel ornado de folhas de acanto.

**CORO** (*arquit.*) — parte da igreja onde se juntam os cantores durante o culto. Situado até a Renascença no fundo da capela-mor, foi transferido depois para o piso acima da porta principal.

**CORUCHÊU** (*arquit.*) — coroamento cônico ou piramidal no ponto mais alto de uma fachada, torre ou frontão.

**CREDÊNCIA** (*eclcs.*) — mesa ao pé do altar, onde se põem as galhetas e outros acessórios da missa.

**CRUZ LATINA** (*eclcs.*) — cruz cuja haste horizontal é mais curta que a vertical e cruza esta dividindo-a em medidas diferentes.

**CRUZEIRO** (*arquit.*) — parte da igreja em que o transepto se cruza com a nave, separando-a da capela-mor.

**CUPULIM** (*arquit.*) — cúpula de pequenas dimensões de base circular ou poligonal que coroa uma cobertura, uma lanterna de cúpula ou uma torre.

**ENTABLAMENTO** (*arquit.*) — conjunto de molduras que ornamentam a parte superior de um edifício, apoiadas sobre colunas ou pilastras; compõe-se de arquivada, friso e cornija.

**ESTUQUE** (*constr.*) — massa preparada com areia, pó de mármore, cal, água e cola.

**FALDISTÓRIO** (*eclcs.*) — cadeira episcopal, sem espaldar, usada nos atos litúrgicos que devem ser realizados em frente do altar-mor.

**FESTÃO** (*arquit.*) — ornato que apresenta flores, frutos e folhas entrelaçadas e suspensas em grinaldas.

**FLORÃO** (*arquit.*) — ornato que imita ou reproduz flores. Geralmente o termo é mais empregado para designar o grande ornato situado no centro de um painel, teto ou abóbada.

**FRISO** (*arquit.*) — parte do entablamento clássico que se situa entre a cornija e a arquivada.

**FRONTÃO** (*arquit.*) — arremate nos edifícios clássicos com função de vedar espaço. Com o tempo, tornou-se ornamento coroando a entrada principal ou frontaria de um edifício.

**FRONTISPÍCIO** (*arquit.*) — fachada principal de um edifício.

**GENUFLEXÓRIO** (*eclcs.*) — móvel com um estrado para se ficar de joelhos e orar, com apoio dianteiro para os braços, facilitando a posição.

**GRIMPA** (*arquit.*) — parte mais alta de um edifício.

**INTRADORSO** (*arquit.*) — superfície côncava interior de um arco ou de uma abóbada.

**LANTERNA** (*arquit.*) — corpo cilíndrico ou prismático, mais alto que largo, com aberturas de iluminação, sobre uma cúpula ou um zimbório.

**NAVE** (*arquit.*) — espaço da igreja que vai desde a entrada até a capela-mor, ocupando total ou parcialmente o corpo do edifício.

**PÁRA-VENTO** ou **GUARDA-VENTO** (*eclcs.*) — anteparo que resguarda uma envazadura do vento. Comumente encontrado protegendo a porta principal dos templos.

**PASTEL** (*art. plást.*) — técnica de pintura sobre papel, papelão ou pano, em que se usam bastões feitos com giz contendo pigmentos de várias cores, de modo que as pequenas partículas de cor, ao aderirem ao suporte, sejam facilmente sobrepostas e permitam delicados esbatidos que conferem à obra aspecto aveludado, de iluminação clara.

**PENDENTE** (*arquit.*) — cada um dos triângulos esféricos nos quatro cantos da abóbada que cobre um recinto de planta quadrada.

**PINTURA MURAL** (*art. plást.*) — a que é feita diretamente sobre uma parede, muro e, por extensão, teto ou abóbada, como complemento de decoração.

**PÚLPITO** (*arquit.*) — tribuna elevada, na nave da igreja, de onde o sacerdote faz a pregação.

**RETÁBULO** (*arquit.*) — construção de talha de madeira ou de pedra lavrada, que garante uma parede em que se encosta um altar, possuindo nichos e pranchas para imagens ou caixilhos para quadros ou baixos-relevos.

**ROSÁCEA** (*arquit.*) — ornato arquitetônico que lembra a rosa, colocado geralmente no centro dos tetos ou abóbadas.

**TALHA** (*art. plást.*) — obra de escultura, de entalhe.

**TOCHA** (*eclcs.*) — vela grossa e grande de cera.

**TOCHEIRO** (*eclcs.*) — peça comumente de madeira dourada ou de prata, em forma de grande castiçal, onde se colocam velas.

**TORSO** (*arquit.*) — torcido, sinuoso. Coluna torsa, à semelhança das colunas salomônicas, também chamadas colunas torcidas, de fuste em espiral.

**TRANSEPTO** (*arquit.*) — nave transversal que separa a nave principal do altar-mor, dando à planta a forma de cruz.

**TRIBUNA** (*arquit.*) — lugar elevado de onde fala o orador; galeria reservada na igreja às autoridades e pessoas ilustres nas cerimônias religiosas ou solenidades oficiais.

**VARANDIM** (*arquit.*) — varanda estreita.

**VOLUTA** (*arquit.*) — ornato que aparece com frequência em capitéis de colunas, principalmente no jônico, com forma de espiral.

**ZIMBÓRIO** (*arquit.*) — parte externa e superior da cúpula de um edifício.